

## ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DO FENÔMENO RELIGIOSO NO QUILOMBO KALUNGA

Lusinaide Cordeiro de Sales Lima Marques<sup>1</sup>, (PG)

Dr. Haroldo Reimer<sup>2</sup>, (PQ)

Resumo:

Este trabalho consiste numa introdução teórica sobre a identidade religiosa da comunidade quilombola Kalunga, a saber: Riachão, por meio dos pressupostos do sociólogo Stuart Hall (2002) e do historiador Peter Burke (2008) por definirem o conceito de cultura na sociedade contemporânea e proporcionarem uma reinterpretação da vivência desse grupo no Estado de Goiás. Segundo os autores existem possibilidades de ressignificar essa identidade, principalmente em relação à religiosidade, visto que, há uma correspondência dessas representações do fenômeno religioso com a consciência coletiva. Contudo há no campo religioso representações que articulam diferentes lógicas em elementos estruturantes de informações, com julgamentos de sentidos e significados advindos de experiências individuais ou coletivas marcadas pela a interação social. Desse modo será feita uma análise das representações do fenômeno religioso pelo o viés da experiência compartilhada que estabelecem símbolos, mitos e ritos e atribuem sentidos e significados por transcenderem o material e alimentarem o espiritual.

Palavras-chave: Representação. Fenômeno religioso. Identidade. Narrativa simbólica.

### Introdução

Ao analisar os aspectos do fenômeno religioso, percebemos que a religião não se limita a uma modalidade social ela também se configura num sistema simbólico em torno das experiências da consciência. Todos os elementos que representam o sagrado partem de uma coletividade e por isso tem significados compartilhados e sentidos múltiplos que levam a uma única definição, ou seja, ao campo sagrado.

---

<sup>1</sup> \*Mestranda pela Universidade Estadual de Goiás no Programa de Pós-graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado – TECCER, sob a orientação de Prof. Dr. Haroldo Reimer. Bolsista FAPEG.  
lusinaidecordeiro@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Teologia pela Kirchliche Hochschule Bethel, Alemanha, pós-doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas, professor na Universidade Estadual de Goiás – UEG.

Para esse trabalho faremos uma análise da origem dos elementos de representação do fenômeno religioso e uma revisão teórica dos principais pesquisadores que abordam os conceitos de mitos, símbolos e ritos que fundamentam o aspecto religioso. Embasamos em autores como José Severino Croatto (2001), Mircea Eliade (1992), Joseph Campbell (1991), entre outros. Todos os autores aqui mencionados concordam que culturalmente os povos têm uma maneira peculiar de expressar sua religiosidade e essa manifestação religiosa veicula pela linguagem mítica, simbólica e litúrgica que se funde através da linguagem à comunicação social.

## **Material e Métodos**

Será feita a discursão teórica e conceitual sobre a fenomenologia do fenômeno religioso em vista da religião ser compreendida como um importante acontecimento social, e como tal, influência o sistema organizacional de um povo. Originou-se concomitantemente com as primeiras civilizações, e se perpetua desde então, através de rituais e de manifestações que expressam a coletividade de grupos que em comum acordo cultuam a um ou vários deuses. É evidente que o fenômeno religioso obteve um crescimento nos dias de hoje através da intensificação da busca pela a religião se intensificar no fim do século XX. Com a queda do comunismo, nessa época, sobreveio o fim de diversas ideologias possibilitando vários estudos sobre a temática, bem como, a demarcação espacial de atuação da religião, tanto no âmbito social, como no individual por meio da interferência no comportamento e na formação de valores dentro da sociedade.

## **Resultados e Discussão**

O conceito de fenômeno religioso apresenta uma inerente dificuldade de apreensão, mas se sabe que o ato religioso pode materializar de um ato concreto para algo simbólico. O teólogo Rudolf Otto afirma que o sagrado invoca o que é racional ou irracional, “pois se existe um campo da experiência humana que apresente algo próprio, que apareça somente nele, esse campo é o religioso” (p.35). É preciso compreender a religião como algo que não se expressa somente nos

aspectos racionais, ou seja, da razão.

As identidades religiosas permitem interpretar de maneira dialógica as memórias e tipos de expressões de caráter narrativo, simbólico, mítico além de possibilitar diversas leituras. Concebemos o mito como a principal narrativa do fenômeno religioso. Em virtude de serem consideradas como narrativas sequenciais que situam denominadas comunidades historicamente.

Esse mito permite expressar na sociedade a episteme, o pertencimento, a troca com o sagrado como um sistema orgânico de criação e de saberes, num paradigma que fornece ao sujeito ações que o situe no tempo e no espaço. O mito especifica o símbolo, pois ter um caráter revelador do símbolo,

No mito, o símbolo dá sua contribuição pelo que é --- transparência de sacralidade ---, só que agora para interpretar uma realidade social, um acontecimento, uma instituição de um templo ou a presença de fenômenos naturais. Pode-se perceber que os mitos representam vivências sociais. Eles também possuem uma dimensão social, mas a partir de experiências individuais, pois são antes de mais nada linguagem. O mito tem, além disso, a característica de representar um *acontecimento* primordial, que é o modelo de um *fato real* (CROATO, 2001, p. 239-240).

O fenômeno religioso mesmo partindo de experiências individuais, logo afeta a realidade da comunidade pelo fato das vivências dentro dos grupos atribuírem vínculos entre as pessoas e diversos sentidos ao serem compartilhadas as suas crenças. Essas experiências ao se tornarem significativas para os indivíduos rapidamente se inicia a criação de mitos para reafirmarem os significados compartilhados que explique uma dada realidade e estabeleça ou mantenha a identidade de um determinado grupo.

De acordo com o Joseph Campbell (1991) podemos afirmar que as culturas são fundadas a partir dos mitos e está no inconsciente coletivo na medida em que possibilitam diversas revelações sendo de certa maneira ilógico e irracional. Para melhor definir o conceito de mito é preciso apreender que o mesmo é reconhecido pelo grupo como uma “verdade” que embora camufle outras “verdades” na *psiquê* humana. Os indivíduos para fazerem parte de um grupo e assumirem aquela identidade desejada não questionam o mito e sim o absorvem como soberano.

Etimologicamente a palavra símbolo vem do grego *sum-ballo*, e deriva do verbo *sym-ballo*, que significa “juntar/reunir”. Higuete (2012, p. 85) ressalta que

símbolo é “um objeto repartido em dois, a posse de cada uma das partes por dois indivíduos diferentes permitindo-lhes reunir-se e reconhecer-se”. É importante considerar que o símbolo se diferencia de signo.

O Filósofo Paul Ricoeur afirma que todo símbolo é um signo, porém nem todo signo pode ser um símbolo e o define como “todas as estruturas de significados nas quais o sentido direto, primeiro e literal designa, por excesso, outro sentido indireto, secundário e figurado incapaz de ser apreendido a não ser por ele” (apud PIRES, 2006, p. 35), nesse sentido podemos dizer que símbolo é um objeto que representa outra coisa.

Com essa representação de significados o símbolo possibilita o autorreconhecimento de uma comunidade, pois trans-significa na medida em que vai além do seu próprio sentido lançando vários olhares em diversas direções. Em relação ao campo religioso os símbolos se expressam através de algo concreto o que transcendem a ordem empírica do ser, concedem liberdade para acessar as dimensões da alma. E fundamentam o inconsciente coletivo, a construção histórica e concebem vínculos. Para Croatto,

Na experiência do *Homo religiosus*, o transcendente que o símbolo convoca não é objetivável nem definível em palavras. Percebe-se como mistério, como claro-escuro, por isso é preciso a mediação das coisas de nossa experiência comum (CROATO, 2001, P. 87).

Nesse caso há uma percepção do sagrado como um ato de manifestação simbólica do transcendente. E por esse viés há uma circularidade entre ato simbólico – transcendente - hierofania, visto que a hierofania é o sagrado se revelando através do transcendente que tem suas variáveis de acordo com tradição ou cultura.

O rito é ação que normatiza o desenvolvimento do sagrado, com ações rotineiras de caráter social e com rigorosa formalidade. O rito é uma apresentação/representação histórica de uma comunidade com o objetivo de perpetuação da narrativa, ou seja, do mito. Segundo Croatto (2001) é através do rito que se expressa à experiência do sagrado em virtude de todos os ritos buscarem contato com o elemento sagrado.

Por intermédio desse contato metafísico com o material para a forma espiritual despertando um gesto que significa outra realidade irreal. Porém com os

sentimentos e as expressões autênticas, fazem uma ligação entre o material e o espiritual com a intenção de “participar do divino, possibilita a comunhão com o transcendente (CROATTO, 2001, p. 330-331), em harmonia com os símbolos, normalmente presentes no contexto do ritual e o mito que usualmente fundamenta tal expressão.

A relação dos ritos com os deuses sintonizam normalmente a reafirmação de um mito, trazendo ao ser humano praticante seja qual for a sua religião ou sua definição de deus. Congruente com as variantes de cultura ou sociedade, a experiência do sagrado em um experimento transcendente entre a presença do divino na terra ou o humano no céu favorecem uma troca de funções tendo em vista em que,

Comportando se como ser humano plenamente responsável, o homem imita os gestos exemplares dos deuses, repete as ações deles, quer se trate de uma simples função fisiológica, como a alimentação, quer de uma atividade social, econômica, cultural, militar (ELIADE, 1992, p. 51).

Essa experiência, que pode ser coletiva ou individual, ultrapassa os fatores racionais da mente, eleva o ser ou a comunidade a um estado de êxtase, embora algumas vezes esses momentos fossem passageiros. Por refletir no comportamento do grupo ou do ser após impregnar na consciência e construir ou reconfigurar parte de sua identidade. Assim, o rito é compreendido naturalmente como a expressão coletiva do sagrado,

O culto e o serviço a Deus / aos Deuses não são fatos puramente mentais, mas eminentemente corporais; e, além disso, mesmo podendo ser individuais, sua forma característica é a comunitária. Portanto, sob ambos aspectos, são essencialmente *sociais* (CROATO, 2001, p. 343).

No campo religioso os rituais são marcos sociais que geram sentidos e expressões nas identidades consolidadas pelos mitos e, que através da consciência dramatiza as narrativas. Apesar da não aplicabilidade tão imediata, por ser na área de Ciências Humanas, espera-se que o resultado desse trabalho contribua significativamente produzindo um conhecimento científico sobre o tema, e que esse, seja gerador de outros conhecimentos.

## Considerações Finais

Reforçamos nesse sentido a religião como elemento que gera significações e que constantemente reelaboram e ressignificam sentidos já fundamentados. Para termos a discussão sobre a pluralidade de elementos religiosos que existem é imperativo fazer-se sujeito que desconstrua e reconstrua os conceitos estáticos e formalistas. Conceituando a prática religiosa não só como a representatividade de uma reafirmação de sua identidade cultural, mas possibilidade de uma ressignificação identitária que fortalecem seus mitos e ritos através da linguagem.

## Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, aos docente e discentes do programa de mestrado Territórios e Expressões Culturais no Cerrado - TECCER , da Universidade Estadual de Goiás- UEG, pela a parceria construída e por contribui muito com o crescimento intelectual em relação conquista de novas informações sobre o trabalho. Agradeço ainda á Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – FAPEG por apoiar financeiramente esta pesquisa.

## Referências

- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo, Unisinos, 2008.
- CAMPBELL Joseph. **O Poder do Mito**. Tradução de Byl Moyer. Palas Athena, 1991.
- CAMPOS, Fernanda. Patrimônio Religioso – uma convergência socioeconômica? In: PRIORI, Ângela (org.) **História, Memória e Patrimônio**. Maringá: Eudem, 2009, p. 89-95.
- CASSIRER, Erest. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectivas, 1972.
- CASSIRER, Ernst. **A Filosofia das Formas Simbólicas**. Tradução de Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CROATTO, José Severino. **As Linguagens da Experiência Religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. Tradução de Carlos Maria Vasquez Guitierrez. São Paulo: Paulinas, 2001.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOIÁS. Secretaria Estadual da Educação. **Kalunga: cultura e tradição.** Goiânia: SEG, 2009.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Os filhos da África em Portugal:** antropologia, multiculturalismo e educação. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** São Paulo: Lamparina, 2002.

HIGUET, etiene alfred. Interpretação das imagens na teologia e nas ciências da religião. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). **Linguagens da Religião:** desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, 2012; pp. 69 – 106.

LIMA, Luna N. M.; ALMEIDA, Maria G. Encontros e distanciamentos entre a religiosidade Kalunga e o catolicismo oficial: Um olhar para as desigualdades. In: ALMEIDA, Maria Geralda (org), **O Território e a Comunidade Kalunga:** quilombolas em diversos olhares – Goiânia: Gráfica UFG, 2015, p. 27-57.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado:** os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. SCHLUP, Walter O. (tradutor) – São Leopoldo: Sinodal/est; Petrópolis: Vozes, 2007.

PIRES, Frederico Pieper. A dança do símbolo no cenário da hermenêutica. In: HIGUET, etiene alfred; MARASCHIN, Jaci (ed.). **A forma da religião.** São Bernado do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006; pp. 27- 44.